

GUILHERME ANTONIO VIEIRA MONTEIRO

Reflexões sobre um atuar clínico na perspectiva histórico-cultural

Uberlândia

2024

GUILHERME ANTONIO VIEIRA MONTEIRO

Reflexões sobre um atuar clínico na perspectiva histórico-cultural

**Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Instituto de Psicologia da
Universidade Federal de Uberlândia, como
requisito parcial para a obtenção do Título
de Bacharel em Psicologia.**

**Orientadora: Prof^ª Dr^a Eliane Regina
Pereira.**

Uberlândia

2024

GUILHERME ANTONIO VIEIRA MONTEIRO

Reflexões sobre um atuar clínico na perspectiva histórico-cultural

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profª Drª Eliane Regina Pereira

Banca Examinadora

Uberlândia, 16 de julho de 2024

Profª Drª Eliane Regina Pereira (Orientadora)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

Profª Msª Barbara Maria Turci

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

Profª Drª Yara Magalhães dos Santos

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

Uberlândia

2024

AGRADECIMENTOS

Primeiro eu gostaria de agradecer meus pais que tanto lutaram para que eu chegasse aqui. Obrigado por sempre acreditarem e investirem na possibilidade de um futuro diferente para mim por meio da educação. Eu me formo através das mãos calejadas de carregar latas de leite do meu pai produtor rural e das mãos queimadas de cozinheira da minha mãe.

A minha irmã, obrigada por ser tão companheira, compreensiva e amiga durante todos estes anos. Sempre foi um alívio ter uma irmã mais velha que veio abrindo e desbravando caminhos antes de mim, sempre aprendo muito com você. A família que eu gostaria de citar um por um mas pelo tamanho se torna impossível, obrigado por serem tão presentes e incentivadores.

Aos que compuseram minha formação, colegas da minha querida turma 86 e professores eu agradeço pela oportunidade de construir junto de vocês uma formação tão crítica e posicionada. Também, aos meus amigos que me deram uma outra família, sem vocês eu não teria conseguido.

A minha orientadora que sempre me acolheu e teve paciência neste momento tão penoso. Obrigado por compartilhar não só conhecimento mas risadas sinceras e mostrar possibilidades de uma atuação com justiça social.

Por último obrigado aos meus ancestrais o povo negro pelo legado de luta, coragem e perseverança.

Resumo: As relações étnico-raciais constituem uma parte importante da história da cultura brasileira. Neste sentido, a perspectiva da psicologia histórico-cultural apresenta que estes fatores influenciam como os sujeitos se desenvolvem e se relacionam consigo e com o outro e a cultura. O objetivo deste trabalho é discutir e pensar de forma crítica as narrativas da minha experiência na clínica infantil enquanto estagiário negro atendendo uma criança negra. Para isso utilizei da metodologia da pesquisa narrativa como forma de reflexão da minha prática clínica, tendo como aspecto central o fato de eu ser um sujeito racializado. Durante este processo reflexivo foi possível observar como as experiências raciais comporão os processos terapêuticos que foram se dando. Assim, houve uma tentativa de criar possibilidades de pensar uma clínica com crianças racializadas.

Palavras-chave: psicologia histórico-cultural, infância, étnico-racial, mediação.

Abstract: Ethnic-racial relations are an important part of the history of Brazilian culture. In this sense, the perspective of cultural-historical psychology shows that these factors influence how subjects develop and relate to themselves, others and culture. The aim of this paper is to discuss and think critically about the narratives of my experience in the children's clinic as a black trainee treating a black child. To do this, I used the methodology of narrative research as a way of reflecting on my clinical practice, with the central aspect being the fact that I am a racialized subject. During this reflective process, it was possible to observe how racial experiences made up the therapeutic processes that were taking place. Thus, there was an attempt to create possibilities for thinking about a clinic with racialized children.

Keywords: cultural-historical psychology, childhood, ethnic-racial, mediation.

Introdução

A infância não é algo que é dado como concepção única e inerente ao humano, a concepção de infância é construída e modificada de acordo com a história. O ser criança passa por diferentes concepções, a médica e biológica que mede, normatiza e esquadrinha a infância prescrevendo o que é ser criança. A Psicológica que mede a inteligência, criando curvas de normalidade com base na idade e no desenvolvimento que delimitam e patologizam as crianças que desviam destas curvas e as separam por gênero, raça e classe. (Ramos, 2013; Abramowicz & Oliveira, 2010)

Os adultos que determinam, significam e categorizam a infância e suas necessidades, já que historicamente as crianças possuem pouca voz social Frota (2007) vai nos apresentar a necessidade de não vermos a infância como universal ou vivida de modo igual para todos, discutindo a necessidade de desvincularmos a ideia e as concepções de ser criança de conceitos preconcebidos e universais. A autora vai ainda nos apresentar a infância como processo de criação de um tempo histórico e de condições socioculturais. Mostrando que a infância muda com o tempo e os referenciais culturais.

A infância no Brasil é perpassada pelos elementos histórico-culturais do nosso país. Como elementos que perpassam nossa história desde o início temos o fator racial. O Brasil como território roubado e colonizado “nasce” através da invasão e genocídio de povos originários e da diáspora africana. O racismo estrutural permeia a nossa história, cultura e desenvolvimento, e em consequência das nossas infâncias (Almeida, 2019; Oliveira, 2021).

Apesar da garantia de direito previsto pelo ECA (Estatuto da Criança e Adolescente) como no Art 18: “Art. 18. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente,

pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.” O racismo estrutural nega o direito de crianças negras no Brasil, vítimas de uma violência constante, estas ficam à mercê do Estado que decide o direito à proteção e a vida. (Oliveira, 2021; ECA, 1990).

Lev Vygotsky (1896-1934) apresenta o desenvolvimento humano como um processo que está voltado para o desenvolvimento histórico e social da cultura. A criança vai desenvolver suas funções psicológicas superiores por meio da sua inserção na cultura e diversidade das relações sociais que estabelece com seu meio (Souza, 2017). Para os processos psicológicos a interação com outro é fundamental já que este outro também está inserido na cultura e também está e em processo dialético sendo transformado por ela e a transformando (Veronezi et al, 2005).

As funções psicológicas superiores se estabelecem na relação humana tendo sua gênese no social. Cada indivíduo no seu processo dialético entre o universal, singular e particular vai criando suas relações com a cultura e elevando suas funções psicológicas por meio desta relação. Nossas funções psicológicas não são dadas apenas através da ontogênese, os processos biológicos sofrem alterações de acordo com a apropriação de signos e a transformação em funções psicológicas superiores como memória, linguagem, consciência, emoção e inteligência (Aita & Tulesk 2016; Pereira & Bader 2020).

Através das experiências com o meio as crianças vão internalizando as relações sociais que vivenciam e transformam estas experiências em representações mentais por meio da internalização dos signos da cultura. Estas experiências são passadas por todos os elementos que a criança traz em sua ontogenia, mas que vão se desenvolvendo e transformando com a mediação desses elementos psicológicos superiores. A construção mental dos signos que se dá neste processo passa a ser mediadora das ações das crianças, os elementos externos das crianças estão em constante dialética com seus elementos internos. À

medida que se interessa, que experiência e se relaciona ela constrói um caminho ativo para seu desenvolvimento (Marangoni, 2007).

Neste processo ativo a criança constrói a linguagem como um signo psicológico superior importante, a linguagem passa a mediar as relações que a criança estabelece e a anunciar suas internalizações (Marangoni, 2007). Neste processo histórico-social a palavra compõe não só um mediador das relações mas uma forma de externalizar suas significações internas, dar sentido e construir sentidos. Já existem sentidos que foram construídos historicamente mas o processo de se apropriar destes que já existem e os internalizar já é um processo ativo de transformação da cultura e dos sentidos que existem (Pereira & Bader 2020).

As ações que a criança realiza no meio social podem ocorrer tanto através da mediação da palavra como também do brincar, ou seja, a palavra e o brincar da criança podem ser considerados propiciadores do desenvolvimento das funções nervosas superiores, uma vez que a criança se relaciona com os objetos externos, como mediadores, na presença de um outro humano, que pode auxiliá-la na construção de significados e de sentidos dos objetos, eventos e relações (Marangoni, 2007, pág. 50).

A autora vai nos apresentar a possibilidade do brincar como processo psicológico superior de mediação da criança no mundo. A criança se apropria ativamente de objetos e através deles cria possibilidade de novas significações e ou transforma os significados que já existem, ela está criando novas possibilidades.

O processo psicoterápico infantil nos moldes de uma clínica tradicional vai se desenvolver dialeticamente sendo mediados pelas palavras que ali nascem construindo novos sentidos e transformando os já existentes e pelo brincar, no processo de apropriação desses objetos temos a possibilidade de internalizá-los e construir sentidos.

Método

Como discutido anteriormente, a constituição psicológica da criança perpassa os elementos históricos e sociais de onde ela está inserida. No caso do Brasil elementos socioeconômicos e raciais atravessam nossa cultura e desenvolvimento. Neste sentido o objetivo deste trabalho é discutir e pensar de forma crítica as narrativas da minha experiência na clínica infantil enquanto estagiário negro atendendo uma criança negra na perspectiva da psicologia histórico-cultural. Não tenho como pretensão esgotar a discussão ou minha própria experiência e sim construir um caminho reflexivo sobre minha prática. É importante trazer que este trabalho não pretende analisar o caso, mas minha experiência enquanto aprendiz de terapeuta. Assim, destaca-se o uso da narrativa como ferramenta metodológica qualitativa visto que permite que sujeito e foco de estudo estejam reunidos na mesma pessoa (Marques & Satriano, 2017; Serodio & Prado, 2017).

Quando relatamos um fato vivenciado por nós, percorremos a experiência novamente dando novos significados e permitindo olhar a própria experiência de forma reflexiva e crítica. Essa experiência permite que se possa teorizar a própria vivência e ser a agente ativo da própria formação, tornando o processo emancipatório (Cunha, 1997). A construção do texto narrado perpassa não pela descrição fiel dos acontecimentos mas pela construção do narrador pelo singular e pelo universal. A narrativa construída vai passar pelos afetos,

pensamentos, dúvidas, questionamentos e medos que se produziram pela experiência possibilitando uma transformação da própria prática (Marques & Satriano, 2017).

Castro & Mayorga (2019) vão apresentar a possibilidade de as pesquisas narrativas serem não apenas uma forma metodológica mas também uma oportunidade para transformação social, autocrítica, autonomia. Ela se propõe, enquanto pesquisa, abandonar a lógica e a ordem, da normatividade e reducionismo hegemônico para assumir uma posição ética em direção de um saber para além da lógica natural/colonial.

As narrativas aqui apresentadas foram retiradas da experiência e dos relatos de atendimento de uma criança de 9 anos que irei chamar neste trabalho de Odara. Estes atendimentos aconteceram durante 8 meses em caráter semanal em uma clínica escola. Os atendimentos foram realizados em uma sala lúdica com a presença de vários elementos como : casas de boneca, bonecas, jogos diversos, material gráfico para desenho, brinquedos diversos entre outros. Também, tive sessões de orientação e conversa com o grupo familiar da Odara (mãe e irmão). O material narrativo produzido após os atendimentos eram levados para grupo de discussão e supervisão de estágio onde era compartilhado de maneira oral tendo assim a suas dimensões transformadas pela experiência da discussão crítica-teórica do grupo. A discussão oral vivenciada no grupo era de profunda importância para o pensar crítico das questões apresentadas, um aprofundamento teórico do material e para construção de possíveis manejos e possibilidades terapêuticas do caso.

Resultado e Discussão

Conhecendo Odara

E quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução (Conceição Evaristo, 2020. p 114)

Entrei na graduação com minha construção racial com uma construção racial bem definida e me envolvi com as questões étnicas-raciais desde o início. Durante a graduação busquei projetos, palestras, rodas e trabalhos que envolvessem a infância e a adolescência. Minha infância foi mediada por signos de negritude e violência, e ao mesmo passo que eu me apropriei dos objetos da cultura, meu corpo foi sendo objeto do racismo.

A criança que atendi foi Odara. A estagiária que era responsável pelo caso antes de mim também era negra. Na apresentação do caso já foi exibido a racialidade e como ela afetava a identidade e vivências de Odara. A estagiária ainda descreveu Odara como uma menina doce e cuidadosa que gostava de brincar de barbie e UNO. O primeiro atendimento foi feito em dupla com a antiga estagiária, ela iria me apresentar para Odara e se despedir dela. Ela leva de presente uma Barbie negra, vê nos olhos de Odara a significação daquele objeto que a representava e dava a possibilidade de se identificar com uma barbie que se parecia com ela.

Eu estava ansioso e com medo, medo de me deparar com as mesmas violências que vivi, medo de me deparar com questões que tanto me doeram. Conceição Evaristo (2020) no livro Olhos D'água apresenta um conto *Ayoluwa, a alegria do nosso povo* apresenta a história de um povo que já tinha se esquecido das próprias lutas, da própria força. Até o significado de seus nomes já não se lembraram, já não sabiam que história passar para seus jovens, ventres ali já não geravam nada, até sua esperança tinha ido embora. Bamidele foi quem trouxe esperança, no seu ventre estava Ayoluwa aquela que traz a esperança e a alegria de volta para seu povo. Eu me lembro deste conto porque apesar do medo e da ansiedade eu sabia que também tinha esperança e alegria, sabia que teria histórias para contar e poderia

construir novas possibilidades enquanto espiava o tempo à procura de soluções para nossas dores.

Neste primeiro encontro eu percebo uma criança tímida e com receio de falar, me sinto um estranho em um lugar onde todos se conhecem tão bem. Me pergunto como e quando vamos construir vínculo ? Clarindo (2020) escreve que o psicólogo que assumir uma posição interativa, mediadora e dialógica na clínica da histórico-cultural terá o vínculo como consequência do seu manejo. Pensando nisso, eu assumi uma posição curiosa sobre o que ela estava me apresentando, perguntando e tentando entender aquela narrativa. Eu fui respeitando os limites que ela apresentava na linguagem, me dando respostas curtas e tímidas.

No lúdico eu percebi uma possibilidade maior de expressão naquele primeiro encontro. Ela se animava a cada carta do UNO que conseguia descartar. Eu estava me sentindo um estrangeiro naquela sala de atendimento, entre as duas que eram tão apropriadas naquele espaço. Encontrei no lúdico uma abertura para entrar e começar um vínculo.

Encontros com a mãe

Eu sempre tive dificuldade de me imaginar neste lugar de encontro com a família. Mas por outro lado entendia que a clínica infantil exigia estar presente também com o grupo familiar que muitas vezes se apresenta como principal demandante do processo terapêutico. Estar com a família implicava sempre refletir que na minha formação estudei a produção do fracasso escolar e os processos de culpabilização da família (Patto, 2022). Então, eu sempre estava criticamente refletindo sobre como a criança faz parte de um processo social muito mais amplo do que a família nuclear. Pensar criticamente sobre o papel da família no desenvolvimento do sujeito não exclui pensar na família também como produtora de sofrimento (de Lima & Souza, 2020). Para mim o desconforto que eu sentia em pensar em

estar em sessões de orientação com a família era lembrar que estaria frente a pais pensando a educação que eles oferecem a seus filhos. Escutamos muito durante a vida “você é pai ?” e este lugar de ser pai ou mãe para assim conseguir falar algo sobre a relação familiar me colocava em desconforto. Renunciar isso para entender que estaria ali como profissional e que não precisava da experiência parental para conseguir acolher e refletir as demandas da família me ajudou a encarar este processo.

Como dito anteriormente, estamos inseridos em uma cultura que dá pouca voz à infância, quem determina o que é melhor e como ela tem que ser vivenciada somos nós adultos. Estar em orientação aos pais e se sentir tão impotente ou até mesmo devorado pelo discurso parental e experimentar como a criança se sente frente a impossibilidade de ser ouvida ou de se expressar frente a família. Impotência era o sentimento que predominava em mim durante as orientações à mãe. Para contextualizar, esta mãe é uma mulher negra e mulher-mãe solo atípica de duas crianças, também uma mulher com deficiência. Estar com ela me causava muita impotência, tanto pela limitação do meu trabalho e até onde eu poderia ir enquanto estagiário/profissional de psicologia frente a tanto sofrimento e angústia que me eram apresentados. Estar com ela era entender que meu trabalho era limitado e muito pequeno frente à demanda daquela família, eles sofriam pelo social, pelo político e pelo racial. E de novo frente a aquela mulher eu podia sentir o que ela sentia, o ódio ao estado que se mostra tão negligente, o medo por não saber quais expectativas poderia ter para aquelas crianças e eu sentia naqueles encontros o silenciamento daquela mulher. Swaia (2001) vai nomear esse sofrimento como ético-político, o sofrimento que se produz por questões sociais e históricas produzindo uma dor que surge de situações sociais de interiorização e subalternagem.

Nos encontros com ela eu me sentia devorado por tantos sentimentos e que ela trazia, me sentia sufocado por tanto sofrimento e amordaçado sem possibilidade de falar. Eu queria

desesperadamente acolher todo aquele sofrimento, mas também queria desesperadamente sair daquele lugar, onde eu podia sentir a dor dela, a minha dor e a dor da violência do racismo. Ao mesmo tempo eu precisava ser firme e me fazer ser ouvido, precisava dar voz a minha paciente que em um ciclo de violência histórica e social era outra menina negra que perdia sua voz e tentava desesperadamente ser ouvida. Existiam pequenas brechas que eu entrava com muito custo para mediar aquela conversa e apresentar novas possibilidades de ver a filha, mostrar como eu enxergava aquela criança e como eu via vida e esperança em Odara assim como com Ayoluwa.

Eu me perguntava porque era tão difícil falar nas sessões de orientação com ela, e por vezes eu sabia que era exatamente assim que minha paciente me relatou sentir. Até que ela me conta e agradece que nunca foi ouvida, ela tentou dizer tantas vezes, para tantos profissionais, para tanta gente e ninguém escutava. E que eu ouvia a voz do desespero de alguém que finalmente achou um lugar de escuta para tudo aquilo que ela trazia, então ela precisava falar, chorar e gritar era muito tempo tentando dizer. Meu sentimento de impotência era compartilhado entre eu, minha paciente e ela. Todos os três atados e silenciados, todos os três impedidos de falar e sentir. Este processo era tão difícil para mim que eu falhei em apontar melhor ele, que estávamos repetindo o silenciamento e a violência da privação da fala e do sentir, sinto que falhei em criar ali um espaço dialógico.

Construindo Possibilidades

Dentro da graduação nas minhas aproximações da infância em diferentes perspectivas fui percebendo que o brincar por ele mesmo já possui funções muito importantes para o sujeito. O brincar é uma possibilidade de experimentar o mundo e dar formato para ele. Esse processo que ao mesmo tempo é tão próprio da infância já que possibilita a construção de

signos, significados e sentidos para a cultura é de todos. Não consigo dizer se uma característica da minha formação, mas na minha experiência sempre somos dados ao lúdico e ao brincar, o brincar nunca assusta ou torce o nariz, pelo contrário ele sempre convida e acolhe (Marangoni, 2007).

Com Odara o brincar era um convite para o vínculo e para o cuidado, pintamos os cabelos das barbies, construímos e reconstruímos várias casas para ela. Eu tinha a sensação de que era um alívio para ela ser só criança dentro da sala de atendimento, não ter demandas de casa ou da escola. Poder se jogar no lúdico, brincar no chão, criar histórias e jogar vários jogos, muitos destes inventados na hora. O brincar sendo suficiente pelo brincar, uma menina negra que já era cobrada a assumir tarefas domésticas incompatíveis com sua idade tendo a possibilidade de só brincar. Mas mesmo com uma formação rodeada por cirandas e rodas de jogos, eu me angustiava em só brincar. As expectativas do que era estar com uma criança na clínica envolviam o brincar mas não só o brincar, várias ideias mirabolantes do que era esse momento tinha na minha cabeça, talvez um pouco de onipotência de achar que com a palavra poderia transformar tudo. Então, muitas vezes era difícil sair de um atendimento que “so” brinquei, mas era um convite a pensar e pensar e entender que o brincar de casa da barbie possibilitou ela internalizar aqueles objetos e perguntar para a barbie porque ela não era feliz, o que faltava para ela ser feliz ?

Odara foi me mostrando os próprios limites até onde nosso processo de diálogo iria, percebi que muitas perguntas que eu fazia não eram respondidas ou era inserido um elemento do jogo que jogamos ou do que estávamos brincando, quase como se fugisse do assunto ou de falar sobre aquilo. Fui entendendo que ela estava ditando o próprio tempo para falar e trazer alguns assuntos, eu passei a esperar por ela. Então, ela começa a me trazer de forma espontânea quase na hora da sessão acabar assuntos que eram caros para ela e para o processo. Assim, aos poucos ela vai me contando de uma dificuldade de fazer amigos, uma

solidão e uma dificuldade de pertencimento na escola nova, mas era uma cena que se repetia da escola anterior. Eu começo a pensar sobre a solidão da criança negra na solidão da mulher e da menina negra, começo a pensar na minha própria dificuldade de adaptação escolar pela vivência violenta do racismo, penso sobre a dificuldade da mãe de Odara em ter uma rede de apoio e na solidão que ela também vivencia. A solidão da mulher negra já se inicia na escola com a exclusão por seus colegas brancos e se estende pela vida pelas variáveis do machismo e racismo (Mizael et al, 2021).

É um desafio pensar na solidão que ela tem vivenciado, quais possibilidades tenho para trabalhar isso? Como fortalecer esta menina para conseguir fazer amizades? Que amizades serão estas, muitas vezes pautadas em relações subalternas? Eu tenho ainda mais dúvidas do que respostas, primeiro eu tive que construir com ela um sentido para a amizade, ela parou de entender a relação com os pares como algo importante de se investir. Ela sofria por não ter, mas não conseguia também investir pela possibilidade de se frustrar novamente. Então, aos poucos fui tentando construir um novo sentido para as amizades.

É importante trazer as construções tanto teóricas quanto críticas que eram feitas em supervisão. As possibilidades de construir dialogicamente uma reflexão sobre o caso e um espaço potencial para acolher os afetos que atender estar com o outro gerava em nós.

Considerações Finais

“Não digo que esse mundo desconcertado já se concertou” (Conceição Evaristo, 2020. p 114). Espero que possamos criar possibilidades para pensar este mundo desconcertado e coragem para criar outros desconcertos, desconcertos que convidem para brincar e transformar.

Como apresentado anteriormente esta pesquisa não teve objetivo de esgotar o tema, pelo contrário as reflexões aqui descritas têm função de instigar mais profissionais de

psicologia a pensar e refletir sobre suas próprias atuações e as possibilidades que existem quando pensamos na construção da racialidade e as consequências psíquicas desta.

Assim, se faz necessárias mais pesquisas que se comprometam a pensar a psicologia histórico-cultural na clínica infantil, e principalmente pensando em manejos e referências técnicas para lidar com as questões étnico-racial.

Referências

Abramowicz, A. & Oliveira, F (2010). A sociologia da infância no Brasil: uma área em construção. Educação UFSM, 35(01), 39-52. Recuperado em 19 de junho de 2024, Retirado de: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64442010000100004&lng=pt&tlng=pt.

Aita, E. B., & TULESKI, S. C. (2017). O desenvolvimento da consciência e das funções psicológicas superiores sob a luz da Psicologia Histórico-Cultural. Perspectivas Em Diálogo: Revista De Educação E Sociedade, 4(7 (2017), 97-111. Retirado de <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/3195>

Almeida, S. (2019). Racismo estrutural. Pólen Produção Editorial LTDA

Clarindo, J. M. Clínica Histórico-Cultural: caracterizando um método de atuação em psicoterapia. 2020. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2020

Cunha, M. I. DA. CONTA-ME AGORA!: AS NARRATIVAS COMO ALTERNATIVAS PEDAGÓGICAS NA PESQUISA E NO ENSINO. Revista da Faculdade de

Educação, v. 23, n. Rev. Fac. Educ., 1997 23(1-2), jan. 1997.Introdução. DOI:
<https://doi.org/10.1590/S0102-25551997000100010>

de Castro, R. D., & Mayorga, C. (2019). Decolonialidade e pesquisas narrativas: contribuições para a Psicologia Comunitária. *Revista Pesquisas E Práticas Psicossociais*, 14(3), 1–18. Recuperado de http://seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/e3178

de Lima, T., & S, L. A. (2020, July). O Fracasso escolar à luz da teoria histórico-cultural: Reflexões acerca da culpabilização do aluno. In *Colloquium Humanarum*. ISSN: 1809-8207 (pp. 137-150).

Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, DF: Senado Federal, 1990.

Evaristo, C. (2020). Olhos d'água. Pallas Editora. Ayoluwa, a alegria do nosso povo. Pag: 111-114.

Frota, A. M. M. C. (2007). Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 7(1), 147-160 Retirado de: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451844613015>

Marangoni, S. (2007). A mediação da palavra e do brincar na psicoterapia com crianças. *Eclectica*, 5(11), 42-48.

Marques, V., Satriano, C. R .Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. *Linhas Críticas*, 23(51), 369–386. 2018. DOI: <https://doi.org/10.26512/lc.v23i51.8231>

Mizael, T. M., Barrozo, S. C. V., & Hunziker, M. H. L. (2021). SOLIDÃO DA MULHER NEGRA: UMA REVISÃO DA LITERATURA. Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN), 13(38), 212–239. Retirado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1270>

Oliveira , F. de. (2021). IDADE E RAÇA COMO MARCADORES PARA SE PENSAR A INFÂNCIA. Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN), 13(36), 547–572. Retirado de: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/997>

Patto, M. H. S. (2022). A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. . Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786587596334>

Pereira, E. R; Sawaia, B. B. Práticas grupais: espaço de diálogo e potência. São Carlos: Pedro & João, 2020.

Ramos, A. C. (2013). A construção social da infância: idade, gênero e identidades infantis. Revista Feminismos, 1(3). Retirado de: <https://hdl.handle.net/10993/26082>

Rego, T. C. (2013). Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Editora Vozes Limitada.

Serodio, L. A.; Prado, G. DO V. T.. ESCRITA-EVENTO NA RADICALIDADE DA PESQUISA NARRATIVA. Educação em Revista, v. 33, n. Educ. rev., 2017 33, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698150044>

Souza, K. C. V. D. (2017). Infância (s) e criança (s) sob o olhar da psicoterapia: concepções de estagiárias em Psicologia. Repositório Universidade Federal do Ceará. Retirado de: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/23639>

Veronezi, R. J. B., Damasceno, B. P., & Fernandes, Y. B. (2005). Funções psicológicas superiores: origem social e natureza mediada. Revista De Ciências Médicas, 14(6). Recuperado de <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/cienciasmedicas/article/view/1147>